



ID: 116608804

11-04-2025

As tarifas são o empurrão que faltava porque serão os americanos a pagar os produtos mais caros ou até escassez de alguns bens

Mudança de era, ou era em mudança?

Maria João Tomás

A Europa acorda tarde. Fê-lo em relação à dependência energética da Rússia e agora em relação ao amigo americano.

A invasão da Crimeia, em 2014, deveria ter soado as campanhas da ameaça do imperialismo russo. O *annus horribilis* de 1991 tornou nostálgico o poder soviético, que foi crescendo em proporção direta com a afirmação da União Europeia e da NATO. Deveríamos ter em mente as sábias palavras do filósofo espanhol Santayana: “aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”, e termos ostracizado menos a Rússia. Mas também não o fizemos entre as duas guerras, e os alemães foram crescendo em raiva e saudosismo do passado imperial. Vivemos tempos semelhantes com Putin. Convictos que com quem se faz comércio não se faz guerra, começamos a aumentar a dependência do gás

barato russo. Da construção do Nord Stream em 1998 até ao auge das importações em 2022 com a covid, acordámos tarde de mais quando a Rússia invadiu a Ucrânia. A sede de poder do imperialismo soviético cresce, tal como o da Alemanha entre as duas guerras.

Acrescem novos protagonistas, que só vêm complicar mais o cenário para a Europa. O “amigo americano” com quem sempre contámos para a nossa defesa tornou-se amigo do nosso inimigo. Donald Trump, iniciou uma guerra comercial sem precedentes, aplicando tarifas a quase todos os países do mundo exceto a Rússia, Bielorrússia e Coreia do Norte. Negoceia com a Rússia uma parte de território da Ucrânia, sem consultar os “irritantes pequenos países europeus”.

Mas há outros sinais de alerta, que nos devem preocupar. Os Estados Unidos, que nós conhecíamos como baluarte da liberdade e da democracia, parecem também estar a mudar. Além das perseguições nas universidades, do fecho do

Departamento de Educação e várias agências de notícias, da limitação à liberdade de expressão e de imprensa, e a possibilidade de ser barrada a entrada nos EUA a quem diz mal de Trump, faz-nos soar os velhos sinos da ditadura.

Um povo ignorante e com medo domina-se melhor. Se estiver empobrecido, será o ideal. As tarifas são o empurrão que faltava porque serão os americanos a pagar os produtos mais caros ou até escassez de alguns bens. O aumento da inflação, a subida das taxas de juro e a recessão estão no horizonte, agravada com os despedimentos em massa na função pública, o fecho de fábricas pelo elevado preço das matérias-primas, e

Um povo ignorante e com medo domina-se melhor. Se estiver empobrecido, será o ideal

de muitos pequenos e médios negócios que sobreviviam graças aos imigrantes que, entretanto foram deportados ou presos. As bolsas americanas estão em queda e o dólar em mínimos históricos. É claro que o preço da dívida americana já desceu, acompanhando a desvalorização da moeda, mas, em contrapartida, quem quer ter como referência de comércio mundial uma moeda fraca? Lucra a China, que quer a desdolarização!

Trump disse num comício no final da campanha para votarem nele, para nunca mais votarem na vida. A hipótese de contornar a 22ª emenda, e de ter um 3º mandato, está na ordem do dia, e ainda nem 4 meses temos de Trump 2.0.

O fascismo que vimos crescer entre as duas guerras na Alemanha voltou, e o amigo americano aliou-se ao nosso inimigo. Vivemos uma era em mudança? Não, uma mudança de era.

Professora do ISCTE-IUL, comentadora SIC Notícias